

## Cinema e modernidade na Cidade de Goiás (1909-1937)

Ana Carolina Passos Aun\*

O objeto de estudo do nosso trabalho é a Cidade de Goiás e suas nuances culturais e sociais. O recorte temporal escolhido, 1909 á 1937, se deve ao fato do surgimento do cinema na cidade. E é a partir da relação dos habitantes com esse invento que faremos análises relativas à sociedade e a modernidade do período.

Nas linhas que se seguem levantaremos algumas questões que surgiram ao longo do trabalho ainda em fase de construção.

É interessante perceber que a primeira república do Brasil foi marcada por intensas mudanças que atingiram a vida social. “A economia capitalista estende suas operações para regiões cada vez mais remotas do planeta, transformando essas áreas de modo profundo” (BERMAN, 1986, p.15). Assim percebemos que no século XX os aparatos da modernidade ficam cada vez mais presentes no dia a dia: carros, luz elétrica, cinema entre outros. Nesse novo ambiente o ideal europeu persistia e percebemos os ideais que nos remetem a *Belle Époque*. Esse ambiente ocorreu na Europa entre de 1871 até 1914. Considerada uma era de ouro da beleza, inovação e paz entre os países europeus. Novas invenções tornavam a vida mais fácil em todos os níveis sociais, e a cena cultural estava em efervescência: cabarés, o cancan, e o cinema haviam nascido, e a arte tomava novas formas com o Impressionismo e a Art Nouveau. A Belle Epóque foi representada por uma cultura urbana de divertimento incentivada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte.

Entendemos aqui que as cidades que experimentaram com mais ênfase esse momento foram os grandes polos como Rio de Janeiro e São Paulo, mas mesmo que de forma peculiar as cidades do interior do país partilharam do anseio da *Belle Époque*.

A Cidade de Goiás, antiga capital de Goiás, não ficou aquém a este processo, porém a emergência da urbanização não é vista da mesma forma que ocorrera nos

---

\* Mestranda em História social pela Universidade Federal de Uberlândia na linha de pesquisa Linguagens, estética e hermenêutica, bolsista CAPES.

grandes centros. Na antiga Vila Boa os hábitos rurais ainda influenciavam no espaço urbano e esta crescia a sua forma.

A capital goiana – a cidade de Goiás - vivia um ambiente específico de disputa e desenvolvimento que lhe era peculiar. O que a inseria na condição de centro de importância era sua história, sua condição de sedadora do Palácio Conde dos Arcos, sua cultura política constituída por meio das disputas entre grupos político-familiares, formados no decorrer dos anos. Dessa forma, a cidade de Goiás era, ao mesmo tempo, o passado colonial e o centro das decisões de toda a região goiana. Sua condição política, seu caráter de sobrevivência, bem como seu acervo arquitetônico, constituíam-se num peculiar patrimônio cultural. Seu espaço urbano desenvolvia seu tempo próprio, portanto, designava seu próprio progresso, suas normas peculiares aos seus referenciais de necessidade – às suas bases “rurais” ou “pacatas”. (GOMIDE, 1999, p. 32-33)

Percebemos, então, que na maioria das análises sobre o tema, autores pautados por uma visão que tem pressupostos de contextualizações e que colocam como ponto central da análise a Cidade de Goiás como um lugar desprovido de desenvolvimento. Mas esse desenvolvimento/progresso é em relação ao que e a quem? A visão dos autores está carregada de uma consciência historicamente concebida incorporadas na cultura e história que lhes deram forma.

A cidade mantinha-se de forma a desenvolver vida própria, tal qual qualquer outro ambiente urbano que tenha se constituído no período colonial e sobrevivido. Politicamente travaram-se lutas por domínios, economicamente estava relegada ao comércio de abastecimento das regiões vizinhas.

Antes mesmo da República, percebemos uma mudança na configuração da cidade que passa a ter uma vida cultural mais ativa. Em 1857, no Beco da Lapa é inaugurado o Teatro São Joaquim. Várias apresentações aconteciam lá, principalmente das sociedades dramáticas que existiam na cidade além de outras que vinham de fora. Para fazer as apresentações era necessário pagar uma quantia ao teatro – que girava em torno de 200 reis – de acordo com as fontes colhidas nos jornais. Existiam em torno de 6 grupos teatrais na Cidade, são eles: Sociedade Dramática Recreio Artístico, Sociedade Familiar, P. B. Ensaio Dramáticos, Sociedade Dramática Goyana, Sociedade Dramática de Goyaz, Sociedade Dramática União Militar, S. D. P. Recreativa.

Em 1864 é fundado o Gabinete Literário e isso remete-nos à preocupação com a leitura. Este destinava suas verbas à compra de livros para seu acervo, sendo, mais das vezes, essas obras de erudição e cultura. O mesmo possuía uma espécie de missão cultural na cidade:

A influência desses investimentos de ordem literária foi percebida nas novas atividades que surgiram. Eram realizadas sessões lítero-musicais e também Clubes Literários, que aconteciam no gabinete, nos salões e em casas particulares.

As transformações culturais ocorridas nas últimas décadas do século XIX - jornalismo, teatro, saraus literários e musicais - encontram maior definição no século XX. A Cidade de Goiás demonstrava sincronia e pertencimento ao limiar daquele século, por meio de exemplares arquitetônicos ecléticos, ainda que singelos; de intervenções na infraestrutura urbana como o Mercado Público (1857), o Cemitério (1859), e outros; a circulação de ideias e produtos, possibilitados pelos jornais e comerciantes; da vigência das posturas urbanas municipais consoantes com as de outros locais do país. Com relação à educação feminina, nos primeiros anos da República, nasce o Colégio Santana, fundado por oito irmãs dominicanas francesas em 1889, lá elas recebiam educação para um bom desempenho no lar.

A criação da Repartição de Hygiene do Estado de Goiás, em 1909 demonstrava as preocupações dos administradores acerca da salubridade pública e a atualização das ações locais.

Sempre atrás das novidades que poderiam compor o cenário cultural da cidade eis que surge, em 1909, o cinema, sendo no Teatro São Joaquim que o mesmo funcionou pela primeira vez.

O Cinema Goiano foi fundado pelo Major Domingos Gomes d'Almeida, funcionou ininterruptamente até 1934 e era um dos mais antigos do mundo. Assim que Domingos Gomes inaugurou, apenas 14 anos após Louis Lumière, o inventor do cinema, ter feito a 1ª exibição cinematográfica a 28 de dezembro de 1895, no "Salon Indiam" do Grand Café de Alameda dos Capuchinhos, em Paris, que maravilhou o público e foi grande acontecimento do fim do século. (Cidade de Goyaz, 1959)

A programação era composta por vários curtas, como exemplo: “As Proezas de Dom Quixote”, anunciado como uma verdadeira fábrica de gargalhadas; “Santos Dumont”, documentário sobre as peripécias do Pai da Aviação em Paris; “O Enforcado”, comédia, e “Chegada e Partida de Trens de Ferro”. Nessa época os filmes tinham duração entre 10 e 20 minutos, desta forma a programação era composta por vários curtas.

Na cidade existiram vários cinemas, o Cinema Goyano tinha sede no Teatro São Joaquim e permaneceu lá de 1909 a 1917, depois foi construída uma sede própria e este funcionou ininterruptamente até 1934. Em 1914 surgiu o Cinema Luzo-brasileiro, de 1919 a 1923 temos o Cinema Iris, de 1923 á 1927 temos o Cinema Ideal e em 1925 o Cinema Central. Em 1937 é inaugurado o primeiro cinema falado do Estado, o Cine Progresso.

Pela quantidade de cinemas que existiu na cidade percebemos, mesmo ténue, que uma cidade com vários cinemas, por exemplo, pode indicar uma interação com o que era produzido em outras localidades, posto que a exibição fílmica eram de películas produzidas no Brasil e mundo. E o fato da estrutura da sala de cinema, enquanto espaço de interação social, ser ou não como os das grandes capitais não deve ser um critério de classificação e/ou de separação.

Vale salientar que a primeira orquestra da cidade foi criada em função do cinema, devido à necessidade de se fazerem os fundos musicais das sessões. A orquestra Club Caravana Smart, começa em 1914 e vai até 1918, no cinema Luzo-brasileiro.

Não eram só de filmes que sobrevivia as salas de cinema daquela época, os salões também eram cedidos para realização de programas artísticos, como exemplo, peças teatrais, *soirées*, musicais e também aconteciam programas intercalados.

Destaca-se também, a questão da Escola de Direito, a instalação da Escola de Farmácia e de Odontologia e o florescimento do Gabinete Literário Goiano, em 1929, com uma diretoria totalmente feminina.

Para os habitantes a modernização era entendida como progresso, e essas referências parece-nos alinhadas às concepções das demais cidades brasileiras que se

valiam de referenciais positivistas tentando “evoluir” e alinharem-se às grandes cidades do mundo.

Ainda sobre o progresso como símbolo da modernidade e suas nuances no interior do país, partilhamos das assertivas de José Evaldo de Mello Doin acerca da chamada *Belle Époque* caipira:

A ideia de modernização conservadora vincula-se ao modo como a costumeira e infeliz manutenção do poder das elites se deu por meio de manipulação do desenvolvimento urbano e do desejo de experimentar o “novos acessórios modernos” (urbanização, telefone e cinema, entre outros).

E continua:

O tão ambicioso e desejado progresso envolvia a articulação de duas forças vitais e complementares por parte das elites locais: *modernização* e *civilização*. (...) A *Belle Époque* caipira era constituída especialmente pela ação de uma elite desejosa de modernizar-se. (DOIN, 2007, p. 93)

Buscamos interpretar a modernidade e a cidade levando em conta as possibilidades do lugar,

(...) evitando a simples adoção de modelos teóricos, a reificação da modernidade e o estrangulamento das especificidades locais, e promovendo, assim, a interpretação da ‘tensão’ entre o que é herdado e o que é modificado é que empreendemos uma interpretação da modernidade em conformidade com os poderes e saberes que definem e constituem os espaços locais. Segundo essa perspectiva, tratou-se de entender a modernidade de acordo com as condições de possibilidades presentes em cada lugar. Tal alternativa pareceu ser mais interessante, tendo em vista que oportuniza o entendimento da modernidade segundo a plasticidade que a envolve e, por conseguinte, a especificidade que adquire em cada uma das configurações sociais nas quais se faz atuante. Com isso, tanto as transformações socioeconômicas (caso do crescimento urbano, da industrialização da produção, e dos sistemas de comunicação de massa, entre outros) quanto as apreensões (vinculadas a estética, a ciência e à moralidade) que buscaram refletir e traduzir as incertezas e as dúvidas advindas desse processo histórico foram revitalizadas ou, melhor dizendo, foram particularizadas. A modernidade é assim tomada como um tecido temporal em que seus ‘desvios’ não são negligenciados. (DOIN, 2007, p. 109)

A classificação de cidade isolada é bastante comum na historiografia que versa sobre Goiás, mas é partir de 1930 que foi intensificada, justificada por motivos políticos

e econômicos. A “modernidade almejada vinha pelos trilhos do trem, mas materializava-se na cidade de ruas largas e arborizadas, por meio de suas construções *art déco*. O asfalto substituía a pedra, assim como o tijolo ocupava o lugar do adobe e o carro atropelava o cavalo.” (OLIVEIRA, 2011, p. 191) Nesse ínterim a Cidade de Goiás representava o atraso e somente uma nova capital poderia colocar o Estado de Goiás na rota do progresso. Frente a esta situação:

Coetâneos às ações em torno da nova capital, os periódicos destacavam alguns indícios de vida moderna na antiga Vila Boa, como a abertura de novos bares, hotéis e casas comerciais, proclamando o avanço em direção ao progresso. A propaganda do Hotel Portugal, veiculada no jornal *Cidade de Goyaz* (n. 75), de 10 de março de 1940, informava disponibilizar água corrente em todos os quartos, bebidas nacionais e estrangeiras, além de uma grande *Frigidaire* para os hóspedes. (OLIVEIRA, 2011, p. 192-193)

Nesse sentido, partindo da concepção de que uma visão pode “transformar a realidade observada, ou ao menos revela certos aspectos de uma realidade observada e não outros” (BARROS, 2013, p. 62), a partir de certos pontos de vista e parâmetros, entendemos que o ponto de vista do sujeito que fala, pode interferir na realidade que é construída sobre uma localidade.

O gosto pela modernidade chegava dos grandes centros e toda materialidade e simbolismo que envolvia eram experienciados pelo melhor tempo vivido na Europa: a *Belle Époque*. O progresso era fruto da combinação da modernidade com a civilização, isto é, ter progresso era ser moderno e civilizado.

É interessante perceber que esse ser moderno não substituiu o velho imediatamente, eles conviveram e foram se completando um alterando o outro. Os lugares cresciam e tomavam forma de cidade, “um verdadeiro admirável mundo novo, que mesclava sem possibilidades de separação o arcaico e o novo” (DOIN, 2007, p. 95).

As famílias que detinham o poder local, os chamados coronéis, disputavam entre si o poder e participavam do poder público e da vida política. No poder lançavam mão do monopólio provado da violência, vários casos de impunidade e violência eram contornados por ações aparentemente civilizatório:

Eram nas câmaras municipais – e em outros espaços públicos, como teatros, hospitais e órgãos de imprensa – que os coronéis, majores, capitães e seu grupo de doutores comandavam a administração municipal, sempre associando ao racionalismo modernizante mais recente. Entretanto, a velha arte de sociabilidade cordial e do mandonismo não era abandonada (como comprova o uso corrente de patentes), bem como não eram deixadas de lado as práticas de jagunçagem, presentes nas tocaias, no esquentamento de documentos de propriedade e na formação de condomínios da violência pelos agentes do Estado e pelos grupos privados detentores de poder nos municípios (DOIN, 2007, p. 97).

A modernidade chegava através dos aparatos modernos, de mudanças na configuração da cidade, nas leis municipais entre outros, para citar um exemplo temos o cinema. Doin (2007) chama isto de modernização conservadora que vincula-se ao modo como a costumeira e infeliz manutenção do poder das elites se deu por meio da manipulação do desenvolvimento urbano e do desejo de experimentar os ‘novos acessórios modernos’.

Assim, encontramos no cinema uma fonte elucidativa para perceber as relações que esta população tinha entre si e com o mundo a sua volta, as nuances de sua vida cultural e como a modernidade é percebida por eles.

Sobre o cinema Eric Hobsbawn (apud KORNIS, 1992: p.1) disse que este iria influir decisivamente na “maneira como as pessoas percebem e estruturam o mundo”, e ele foi feliz em sua afirmação.

Partimos para uma concepção de cinema mais ampla, que nos permite pensá-lo não somente como uma produção ou reprodução fílmica, mas também como uma representação dotada de significação e interesses, seja para os indivíduos envolvidos com a produção cinematográfica, seja para a audiência que a recebe.

O cinema compõe em torno de si uma variedade de experiências e comportamentos, ora forjando estilos, ora servindo de espaço de convivência para diversas manifestações culturais. Congrega uma diversidade de valores e costumes que vão se modificando com os referenciais da modernidade. As estruturas e simbologias criadas em torno do cinema sofrem interferências diretas desses referenciais e se transformam a partir do processo de construção de novos significados deste espaço.

O ato de ir ao cinema era como que um acontecimento social, valorizado como imprescindível ao viver e no compartilhar de experiências de uma época marcante nas lembranças dos frequentadores. Assumia uma aura de mistificação e de prazer. Com os tempos modernos, cria-se um novo ritual. (NEVES, 2006, p.1)

Nesse sentido, procuramos pensar nos laços que unem o cinema, a modernidade e a sociedade, a fim de entender quais são os significados atribuídos às práticas surgidas a partir deles. Desse modo, embora os dados econômicos e políticos não sejam descartados em nosso trabalho, buscamos, sobretudo, compreender as relações culturais e sociais dessa sociedade a fim de perceber as transformações na forma de enxergarem-se e ao mundo.

Visamos entender a Cidade de Goiás com suas potencialidades culturais, como a sociedade da época se via, sua relação com o cinema, com a modernidade e com o progresso. Mais importante que buscar o que permanece e o que muda nas relações sociais e culturais da cidade, é compreender os significados atribuídos a essas práticas.

## Referencias Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. Teoria da História. 3. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2013. P. 62.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CHAUL, Nasr. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. 3. Ed. Goiânia: Editora UFG, 2010.

DOIN, José Evaldo de Mello, et . al. A Belle Époque Caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e ubarnização no mundo do café (1852-

1930 ) – A proposta da CEMUNC. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, nº 53, p.91-122, 2007. P. 93

GOMIDE, Cristina Helou. Centralismo político e tradição histórica: Cidade de Goiás (1930-1978). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

NEVES, Kellen Cristina Marçal de Castro. Cinema: modernidade e suas formas de entretenimento. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Outubro/Novembro/Dezembro de 2006, Vol. 3, Ano III, nº 4. Disponível em: [http://www.revistafenix.pro.br/PDF9/8.Artigo.Kellen\\_Maca.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF9/8.Artigo.Kellen_Maca.pdf)

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. A percepção da mudança: os registros na cidade de Goiás. História (São Paulo) v.30, n.1, p.189-208, jan/jun 2011.

Jornal Cidade de Goyaz – nº 721 e 722 – ano 1959.